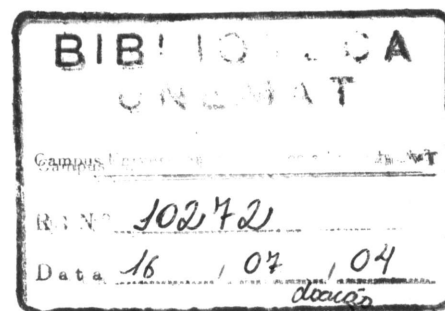


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FICÇÃO E REALIDADE EM:
A FÚRIA DO CORPO



PONTES E LACERDA, FEVEREIRO DE 2004

Maria Aparecida Rangel Gaspar

FICÇÃO E REALIDADE EM:
A FÚRIA DO CORPO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: prof^ª Ms. Madalena Machado

Pontes e Lacerda, Fevereiro de 2004

Este Ensaio Monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora

Local e data da aprovação

AGRADECIMENTOS

AOS COLEGAS

O ser humano é o mais complexo, o mais variado e o mais inesperado dentre todos os seres do universo conhecido.... Relacionar-se com ele, lidar com ele, haver-se com ele é, por isso, a mais emocionante das aventuras. Em nenhuma outra assumimos tanto o risco de nos envolver, de nos deixar seduzir, arrastar, dominar, encantar.... à vocês que se tornaram amigos, e que daqui para frente, serão saudades, o mais carinhoso abraço.

AOS MESTRES

Ensinar é crer, acreditar que se pode contribuir para a formação de um caráter; é compartilhar de sua própria existência. A vocês mestres, pelas lições de saber, pela orientação constante, pela dedicação, todo o meu reconhecimento e estima.

De modo especial à você, minha mestre e orientadora MADALENA A. MACHADO, por além de transmitir os seus conhecimentos acreditar na minha capacidade de realizar este trabalho o meu sincero agradecimento.

DEDICATÓRIA

À MINHA FAMÍLIA, que com seus olhares profundos e ternos de quem não tem pressa, de quem fica o tempo que precisar, foram capazes de compreender meus ambíguos sentimentos e transmitir de forma tocante e singular força, sabedoria e esperança, dedico esta vitória.

“ A Literatura, às vezes,
é uma voz embriagada
que canta.”

João Gilberto Noll

RESUMO

A literatura pós-moderna tem como função existencial a busca do conhecimento. Seu objetivo é despertar o leitor para a necessidade de rever seus conceitos e analisar continuamente o mundo em que vive.

Este mundo traz várias realidades. *A Fúria do Corpo*, romance pós-modernista escrito por João Gilberto Noll em 1989, trata de forma desmascarada a realidade dos que estão "à margem". É a história de amor entre dois mendigos. O protagonista é o anônimo narrador da própria história. Ele e Afrodite, seu amor mendigo, sobrevivem à todo tipo de miséria humana à que estão sujeitos os moradores de rua das grandes cidades.

A bela cidade do Rio de Janeiro é o cenário e o carnaval é o pano de fundo desta erótica história de amor, que tem como roteiro o CORPO e como linguagem o SEXO.

Numa atitude de rebeldia, o autor desafia as estruturas mostrando de forma nua e crua uma ficção que é o retrato da realidade das favelas, dos hospitais públicos, das penitenciárias, das bocas-de-fumo, enfim, do "lado esquerdo" da sociedade.

Temas como MORTE, AMOR, SEXO, HOMOSSEXUALISMO, PROSTITUIÇÃO, DROGA, DESEMPREGO, LATROCÍNIO, ESTUPRO e todo tipo de FOME, são abordados numa linguagem sem rebuscamento agressiva e sensual mas também questionadora, misturando ficção e realidade, tema escolhido para este Ensaio Monográfico.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar um estudo abordando dentro da literatura o tema Realidade e Ficção em: *A Fúria do Corpo* (1989), do escritor João Gilberto Noll. Indagando a relação entre a ficção e a realidade trabalhada pelo escritor, refletiremos a sua perspectiva ao manipular a realidade para construir a ficção.

Contaremos com o apoio teórico dos críticos da literatura: Linda Hutcheon em *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*; Anatol Rosenfeld em *Reflexões sobre o Romance moderno*; Ítalo Calvino em *Seis Propostas para o Próximo Milênio* e Antonio Candido em *A personagem da Ficção*. Além da matéria do colunista Jardel Dias Cavalcante da revista Digestivo Cultural e a entrevista de João Gilberto Noll à redação de Copo de Mar, ambas encontradas na internet.

INTRODUÇÃO

O livro *A Fúria do Corpo*, de João Gilberto Noll, escrito em 1989, conta de forma agressiva, alucinante e erótica a história de amor de dois mendigos na cidade do Rio de Janeiro. Destacando o anonimato como ponto forte do livro, o autor criou a personagem protagonista como o narrador da sua estória. Sem nome, ele pode ser quem o leitor imaginar: “me chamem como quiser” (p.09). O nome dela, se é que um dia o teve, perdeu-se no passado, e ele a batizou com o novo nome de AFRODITE: “(...) um nome que une a força dos astros, (...) e não haverá inimigo que poderá identificar (...) nem luz que o ofusque nem anjo que o perverta”, (NOLL, 1989: 14).

Sem nome nem identificação que os defina: “(...) se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer”, (NOLL, 1989: 09) no ambiente miserável e desumano dos becos de Copacabana, em companhia de traficantes, mendigos, delinquentes, gays, prostitutas, os dois amantes lutam para vencer um desafio: sobreviver à atordoante e cruel realidade dos que vivem à margem da sociedade. “(...) não temos pouso nem casa não importa, aqui começa o esplendor de uma miséria...”, (NOLL, 1989: 10).

Expostos à fome, frio, drogas, prisões, estupros e a todo tipo de violência, caminham sem direção e sem laço que os comprometa ou prenda a nada nem à ninguém.

Presente, passado, futuro, realidade e fantasia se misturam numa alucinada e incessante procura de si mesmo: “(...) sou eu o meu passado ou ele não passa de uma ferida coagulada? Sou eu o meu presente?”, (p.179).

Busca esta que causa uma grande angústia interior e revolta contra as estruturas causadoras da situação. Como podemos verificar neste trecho: “(...) a solidão é fruto da derrota ou condição dos vivos? (...) e o estado de injustiça em que padecem os homens serve a quê?”, (NOLL, 1989: 179). questionamentos em busca de respostas que justifiquem a injustiça e todo estado de opressão por que passa o ser humano.

Vida, morte, amor e sexo são temas que movem este romance. O amor é a força que os impulsiona a continuar a viver e a alavanca que move essa força é o sexo.

A fúria do desejo sexual é que os faz transcender para além da realidade: “(...) sou rei na companhia dela e nela o reinado resplandece, ...”, (NOLL, p.11). A força do

desejo é para eles a arma com que enfrentam a miséria e a dor. A realização sexual é a demonstração de que estão vivos apesar da decadência.

PÓS-MODERNISMO FICÇÃO E REALIDADE

A Fúria do Corpo (1989) é uma literatura que retrata o humano. É um toque de alarme mostrando com escancarada rebeldia que as regras inflexíveis da vida real com seus tabus e máscaras podem ser quebradas.

É a típica literatura pós-modernista que não se prende a detalhes insignificantes, limitações e proibições que fazem do ser humano um robô que age somente de acordo com as conveniências. A literatura de qualidade desenvolve o senso crítico; faz o homem buscar compreender a si e ao mundo, o seu espaço. Através dela, o homem passa a ter uma visão mais ampla de sentidos e significados que o leva a abarcar conhecimentos e descobertas na velocidade da mente e, conseqüentemente, com o avanço da ciência e da tecnologia, na velocidade da máquina, pois a literatura reflete a vida e acompanha o seu ritmo.

Compreender e enfrentar os desafios que a vida nos apresenta é uma das contribuições que a boa literatura nos oferece.

Ítalo Calvino em *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1988), considera a literatura como salvação. Segundo o autor, ela aborda todas as linguagens, não tem compromisso fechado com nenhuma ideologia, nem está buscando a verdade absoluta das coisas, afinal, a verdade é relativa, o que é natural para um não o é para outro.

No pós-modernismo nada é determinado, seja qual for a ciência ou a arte. Procura sempre o contraste, o diferente, tanto do cunho humano como do social.

Em *A Fúria do Corpo*, isto está bem refletido. As personagens fogem ao convencional por serem diferentes do que estamos acostumados a ver na maioria das literaturas anteriores: imagem nítida, de contornos firmes e claros e caráter definido. Ao contrário destes, o livro de Noll retrata personagens indefinidos, como mostra este trecho: "não temos nome, idade, feições definidas, somos apenas este momento anônimo...", (NOLL, p.264). Personagens que exigem a reflexão do leitor para identificá-las: "sou todas, e quando menos se espera, ninguém", (NOLL, p.31).

É fácil identificá-los, basta parar e analisar a realidade da grande massa: os sem terra, sem teto, sem emprego, os deficientes, enfim, os ex-cêntricos, como mostra o trecho abaixo: "(...) aqui estamos nós dois na rua de Copacabana, sem um puto tostão na algibeira, sem casa, sem comida, olhando os transeuntes como quem não pode mais entrar no jogo (...) e choro feito criança como qualquer cidadão da arraia-miúda ...",

(NOLL, 1989:15). É o autor escrevendo em sintonia com a realidade caosticante dos excluídos.

Linda Hutcheon, em *Poética do pós-modernismo* (1991) afirma que: "Os negros e as feministas, os etnicistas e os gays, as culturas nativas e do "terceiro mundo" não foram movimentos monolíticos, mas constituem uma diversidade de reações e uma situação de marginalidade e ex- centricidade percebida por todos", (HUTCHEON, 1991, p.90). E, dessa percepção é que os considerados "à margem", apesar de não representarem ameaças, passaram a ganhar força e a ser percebidos pelos que se manifestavam contra a exclusão, a marginalização e os privilégios desiguais.

O pós- modernismo não leva o marginal para o centro, ou seja, não troca de centros, colocando os marginais como heróis, privilegiados, e sim utiliza esse posicionamento de diferença para questionar as estruturas causadoras dessa diferença: as instituições educacionais – família, escola, igreja, a política social, preconceituosa e excludente. São situações geradoras de sofrimento e angústia que levam o homem a um terrível desengano. Vejamos o trecho do livro de Noll:

(...)se nem a morte me fora dado então não haveria como renunciar a miséria que me ofereciam em doses matinais de recreios, orações e álgebras. (...) lembrar é assegurar de alguma forma a vida, (...) estar vivo é uma espécie de rebelião... (...) que déspota é esse que nos quer assim consumidos..., (NOLL, 1989: 12/13).

Percebe-se aqui um sentimento de revolta pela dureza da vida. Também a degradação humana e de valores; a solidão, o abandono, o descaso social como podemos verificar no episódio do hospital do INPS:

(...) metade do hospital era de fregueses particulares, então não podemos espantar a freguesia particular e suas visitas com nossa triste figura de miseráveis fregueses do INPS miserável, com nossos pijamas uniformizados sebentos, peçonhentos, manchados, mijados, babados, cagados..., (NOLL, 1989: 34).

Essa diferença de tratamento das classes sociais é real no nosso cotidiano. É só observar os corredores e alas de atendimentos pelo SUS (Sistema Único de Saúde) dos grandes hospitais: mulheres prestes a dar à luz nos corredores; doentes sendo medicados em macas nos corredores em meio a outros ainda não atendidos; indigentes

largados ali à sorte; gritos de dor, de mágoa e ressentimento por se verem privados de um direito: o direito à saúde.

Cenas descritas numa linguagem sem rebuscamento, direta e por vezes até chocante. Como neste trecho abaixo:

(...) o PM separou as nádegas do crioulo e enfiou a fuça pelo cu adentro vasculhando alguma coisa que não havia... (...) todos correram para ver o homem nu levar porradas e mais porradas e cuspir na bota do PM e levar um tiro no nariz..., (NOLL, 1989: 32).

Cenas como esse abuso de autoridade e violência policial; relações sexuais hetero e homossexuais, como o caso amoroso entre o personagem narrador e o garoto traficante do morro; e o caso com o homem rico em troca de dinheiro; estupros em plena rua e dentro das cadeias como ocorreu com o narrador e Afrodite. Ela foi estuprada pelas outras presas com um cabo de vassoura e ele, por todos os presos que estavam na mesma cela. Ao serem soltos para dar lugar à outros presos "mais perigosos", pois era carnaval, saíram sangrando e foram lavar-se na pia de um bar. Um lavou o sangue do outro. Foram escorraçados porque o dono achou que estavam "transando" no banheiro.

São cenas fortes que abalam o leitor, mas também emocionam, pois transparece em meio à miséria um sentimento muito profundo de comunhão, de companheirismo de uma relação que transcende qualquer sentimento ou atitude considerada anormal. Como no episódio em que "se lambuzam" com sangue da menstruação de Afrodite como sinal de pertença, de consagração um ao outro.

É como se o amor que os unia os fortalecesse e os tornassem seres embrutecidos mas ao mesmo tempo ternos, pois a linguagem que eles entendiam era a do corpo. O corpo era a vida. Enquanto houvesse vibração, desejo, ereção, havia vida. Por isso, a obsessão pelo sexo. Era a única forma de sentirem-se vivos, haja vista que não tinham esperança, confiança e quase nenhuma fé, como mostram os trechos abaixo:

- sabe que nós dois não comemos há dois dias e meio e que assim mesmo há um governo sobre nossas cabeças? (...) que vai chegar um ponto em que (...) o feijão e o arroz diários vão ser um sonho longínquo lá da infância, e que só os afilhados das autoridades vão conseguir emprego?..., (NOLL, 1989: 27/28).

A fome em nosso país é um assunto grave, discutido pelas autoridades governamentais que o consideram um desafio tão grande que são poucos os que ousam enfrentar. Pode ser considerado até como “uma vergonha nacional”, pois num país imenso e rico de terras férteis o seu povo morra de fome por falta de organização política e econômica.

O desemprego também é assunto de discussão que merece toda atenção. Os latrocínios os seqüestros, as “bocas-de-fumo” cada vez mais alarmantes são causas em sua maioria do desemprego.

Em meio a todo sofrimento há um sentimento forte que faz os dois sobreviventes do romance encontram alegria e beleza. O amor: “(...) tudo é a meu favor quando admiro a beleza de Afrodite... (...) somos dois corpos que ainda se desvanecem a qualquer toque de amor, somos dois corpos em busca de uma felicidade canhestra mas radiosa”, (NOLL, 1989: 16/17).

O lirismo funciona como bálsamo numa história de amor tão carregada de solidão e angústia. Mas, como escreveu Calvino, nem tudo é leveza sempre, nem tudo é peso sempre, do contrário, a existência tornar-se-ia sonho ou pesadelo.

O amor aqui é a leveza, que busca o equilíbrio entre o peso da vida, com seus fatos, suas realidades opressoras, e o sentimento, a emoção de continuar vivos e se amarem: “Eu só sei viver com ela e por ela...”, (NOLL, p.275).

Numa entrevista à Copo de Mar, encontrada na internet, João Gilberto Noll fala sobre o lirismo de *A Fúria do Corpo*: “É uma voz embriagadora a voz do narrador. Sempre trasbordante. E essa voz embriagada às vezes canta ... é um romance sobre possibilidades do impossível. Nesse sentido o livro é utópico. É um exercício desejante embora tudo seja mentira por que é carnaval,” (www.copodemar.com.br/João.< 03 de nov. de 2003.p2 de 2).

O carnaval está funcionando em *A Fúria do Corpo* não como tema central, mas como pano de fundo para o desenrolar dos acontecimentos. Vejamos o que diz a entrevista sobre o carnaval:

Para mim, o carnaval sempre teve assim no seu bojo um aspecto religioso, litúrgico mesmo, só que nesse caso é a celebração da materialidade humana. A minha literatura sempre procurou chamar atenção para essa materialidade. É quase como quando um bicho de estimação faz a necessidade onde não deve e você pega ele pelo cangote e o coloca à frente com a sujeira. Acho que minha função é pegar o leitor pelo cangote e colocá-lo diante de seus dejetos, de sua materialidade.

(www.copodemar.com.br/João.htm.p.1 de 1< 23 de nov. de 2003).

Em *A Fúria do Corpo*, a realidade do corpo ultrapassa a ficção, pois funciona como uma mola que impulsiona os protagonistas a agirem movidos por atitudes de puro erotismo e despudor. Em meio aos festejos eles se desnudam, bebem, roubam, fazem sexo, num frenesi que esquecem quem são. No carnaval todos são iguais. É a festa da libertação do corpo e dos sentidos. "(...) é a consagração do instante da carne, ou seja, o carnaval se dá no verão, é quando a carne pode estar mais nua, mais exposta, não há intermediações de panos, fazendas, paredes", (www.copodemar.com.br/João).

No livro de Noll o carnaval é: "(...) a carne conspurcada pela produção de riquezas escusas usa o brilho que as máscaras lhes vendem;" (NOLL, 1989: 169).

Assim como os protagonistas ficcionalizadas de Noll, as pessoas no carnaval também esquecem em meio a purpurina e a música, as suas dores e misérias. Os foliões economizam até a comida durante o ano para comprarem a roupa e participarem do desfile das escolas de samba. Ali todos são reis e rainhas. O brilho ofusca a diferença social até que termine a festa e a vida volte à sua rotina.

(...) digo que carnaval é um baile de máscara e que cada um usa a que mais lhe apetece (...) bendito seja o diabo por ter criado esse pó branquinho esse carnaval esse paganismo dos sentidos essa voz que fala da obscenidade de se estar vivo (...) bendito seja o diabo (...) É carnaval, (NOLL, 1989: 157/158).

Percebe-se neste trecho a desordem das idéias, a desestruturação como a falta de pontuação. Isso pode estar relacionado à desordem do pensamento humano, o conflito interior, a busca do ser, da essência da vida, ocorrendo no espaço psicológico uma vez que as personagens passam por uma introspecção tão profunda que se torna angustiante e até mesmo tão torturante que chega a transformar-se em alucinações, visões ou quase estado de loucura. Como mostram o episódio da aparição do velho na areia que o narrador chama de Pai e pede que não o abandone. Também quando encontram um despacho e Afrodite rasga a galinha viva: "são três as bocas que agora gritam, eu Afrodite e a galinha ..." (p.229) e comem os pedaços em meio ao sangue e as fezes.

O estado de loucura transparece claramente: "E quando vejo que a alma de Afrodite arde em labaredas roxas, baba lavas, ruge (...) vomita fogo, se enrijece a ponto

de os pés cravarem os nervos no asfalto – raios, trovões, relâmpagos revolvem o que me resta de consciência, ...”, (NOLL, 1989: 230).

Este estado de amargura alucinada e solidão existencial presente em boa parte da literatura contemporânea, é resultado do vasculhamento da alma humana como forma de capitar suas inquietações, seus medos e anseios. É o estreitamento do homem com seus conflitos interiores. E este estreitamento só é possível quando o homem passa a desenvolver a auto-reflexão. Este é o papel da literatura contemporânea: provocar reflexões, sensações e emoções como se fizesse parte do enredo. É essa sensação que o leitor de *A Fúria do Corpo* experimenta. O narrador frente a frente com o leitor:

(...) estamos sentados um em frente ao outro em bancos do calçadão da Avenida Atlântica, sei que és mulher (...) não porque te queira assim mas porque teu riso que ouço agora tem o risco das cordas mais tesas... (...) despoja-te das relíquias viciosas do passado e vem pelos seus próprios recursos, vem: você é ela..., (NOLL, 1989: 10).

O narrador coloca o leitor como se fosse a sua mulher. Interessante também quando pede para despojar-se das relíquias viciosas do passado. É como se pedisse para o leitor despir-se de todo e qualquer preconceito, pois, somente desprovido de conceitos e pré-conceitos seja moral, religioso e lingüístico, o leitor poderá entender e sentir a carga de emoções que esta estória de amor tem para passar.

Um leitor despreparado ou acostumado às literaturas tradicionais terá dificuldade de sintonizar-se com a leitura contemporânea. Segundo Anatol Rosenfeld: “desaparece a ordem lógica e a coerência da estrutura que o narrador clássico imprimia à sequência dos acontecimentos”, (ROSENFELD, 1996: 84).

Para Rosenfeld, o narrador, no afã de apresentar uma narrativa mais condizente com a realidade moderna, cheia de possibilidades, certezas e incertezas, verdade e fantasia, bem diferente daquela narrativa lógica tradicional, procura de forma inusitada superar a expectativa do leitor. “Não quis a engenharia, quis um certo caos proposital”, (www.copodemar.com.br/João).

O colunista da revista Digestivo Cultural, Jardel Dias Cavalcante, num artigo sobre João Gilberto Noll e suas obras, afirmou:

(...) trata-se de um processo no qual personagem e realidade se interpenetram e no qual o centro das cogitações é o ser humano desterritorizado; (...) As pessoas na obra de Noll, se é que podem ser chamadas "pessoas", parecem sombras, sem uma pré-história pessoal, marcando o caráter indefinível de suas existências, (www.digestivocultural.com/colunista<4deagostode2003).

As personagens do romance, com exceção de Afrodite que ganhou nome novo e de Camila, a garotinha que morreu do coração, todos são anônimos: "o velho" do hospital do INPS que morreu sentindo ódio e inveja do personagem narrador, por este ter um corpo jovem; "o menino índio" – garoto traficante do morro; a "matrona portuguesa" – mãe de Camila, que hospedou os dois mendigos no quarto da filha por serem amigos dessa; O "PM"; "a suíça"; "o caralhudo"; o "traficante leproso" – da boca-de-fumo do morro, etc.

Para Noll, mais que a denominação das personagens, o que fica evidente é a situação, o contexto que o ser humano se revela. Por exemplo: o sentimento do velho, a amizade do menino, o carinho da garotinha, a solidariedade e generosidade da mãe desta e o papel que cada personagem exerceu na estória.

Na opinião do colunista da Digestivo Cultural, a realidade apresentada no romance de Noll, não corresponde à aparência exterior e sim a uma realidade que está à nossa volta e na qual reconhecemos o nosso ambiente existencial.

O real e o fictício se fundem na narrativa. É como se deparássemos com a realidade cotidiana que assistimos todos os dias nos noticiários e mais ainda, à nossa volta. No entanto, parece que fechamos olhos e ouvidos, como se o problema não fosse nosso.

Optamos por lavar as mãos e nos acomodar. Então entra o papel da literatura: fazer o leitor enxergar o que está à sua frente clamando por ação.

Para Antonio Candido: "A personagem é um ser fictício (...) a verossimilhança no romance depende dessa possibilidade de um ser fictício (...) sendo uma criação da fantasia, comunicar a impressão da mais lídima verdade existencial," (CANDIDO, 2002: 55).

Isto é, a verossimilhança depende do quanto o autor coloca de realidade na sua criação. Centrada na idéia de Foyster, “a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo”, (CANDIDO, 2002: 64).

Noll, como a maioria dos escritores pós-modernos, soube trabalhar essa verossimilhança, pois criou personagens fictícios num cenário real, como a cidade do Rio de Janeiro. Vejamos alguns pontos de referência citados no livro: “... E vejo o Pão de Açúcar. E as luzes do Aterro ...; Praça Tiradentes; Central do Brasil; Campo de Santana; Praça Mauá, etc.”, (NOLL, 1989:74/75).

Segundo Candido, pode-se aproveitar um ser vivo ou um episódio da vida real, mas copiá-la na sua totalidade não é possível, pois, além de dispensar a criação artística, “não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção”, (CANDIDO, 2002: 64).

Quando se toma um modelo real para personagem deve-se sempre acrescentar fatores que o torne original e não uma cópia. Mesmo porque, uma personagem pode ser criada, moldada, modificada pelo seu criador que sabe tudo sobre ela, o que não acontece com o ser real, pois esse ninguém, nem mesmo ele próprio se conhece integralmente. Não é capaz de atinar sobre sua reação diante dos acontecimentos. Para François Mauriac, “o grande arsenal do romancista é a memória de onde extrai os elementos da invenção”, (CANDIDO, 2002: 67). Isto é, as personagens não correspondem às pessoas vivas, mas nascem delas. Noll, por exemplo utilizou-se do cenário real das ruas, praças e becos do Rio de Janeiro como já foi citado anteriormente, os costumes do povo carioca tais como carnaval; as crenças: “(...) uma mãe-preta-de-santo toda de branco vem ao meu encontro e me diz: menino, tu tá pleno de tu, tu tá na graça...,” (NOLL, 1989: 179/180), como também a linguagem, são copiados de originais, mas a essência das personagens é ficcionalizada.

Todavia, poderia ser essa invenção uma projeção das limitações, aspirações e frustrações do romancista. No caso de *A fúria do Corpo*, o autor aspira como ele respondeu à entrevista a Copo de Mar, sacudir o leitor, fazê-lo acordar para a vida, para os problemas reais que estão aí, às portas, às ruas. É intenção do escritor pós-moderno, instigar, criticar no sentido de buscar mudança, posicionamento. Por isso a literatura

pós-moderna é acusada de inconseqüente, porque questiona as estruturas tanto familiar quanto política e religiosa, sem oferecer solução.

Porém, as críticas corroboram para um alerta, para mostrar o que está incoberto por ser talvez inconveniente ou de difícil solução. Vejamos algumas críticas: “(...) se eles pediam direitos humanos os direitos humanos deveriam ser dados para a paz de todos... (...) eu respondi que os direitos humanos faziam parte da doutrina da Igreja e das Nações Unidas ...,” (NOLL, 1989: 114/115). Alerta também para a pobreza, que causa revolta e desespero humano: “(...) merda de vida (...) tou aqui sem emprego, sem grana nenhuma ...,” (NOLL, 1989: 36/37). Tem-se a impressão que o autor reproduz a realidade.

Para Candido, “o romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja singular ou coletiva. Ele cria um mundo próprio, acima e além da ilusão de felicidade,” (CANDIDO, 2002: 67).

Em *A Fúria do Corpo* essa reprodução da vida às vezes torna-se fidelíssima, principalmente com relação à fome. O Brasil tem fome de quase tudo: de justiça, de educação, de saúde e de comida mesmo é alarmante.

Vejamos o que mostra o romance: “(...) se a gente não comer nada ou quase durante dias (...) não aparece mais a carência do estômago, só a fraquesa, a letargia; mas se você come (...) e depois fica sem comer a fome sobe novamente violenta ...”, (NOLL, 1989: 109).

Mas, para os protagonistas de Noll, a fome maior é a da alma, do interior, do desejo que cala mas ao mesmo tempo impulsiona; a fome do prazer como única luta contra a morte:

(...) mas eu e Afrodite estamos frios. Estar frio é não ter a refeição do corpo, é viver a fome mais brutal que a fome. Fome de comida a gente estava passando há dias. Nada, portanto nos poderia abalar mais que a fibra sexual se atrofiando (...) os corpos no escuro e no silêncio, (NOLL, 1989: 134).

Com isso entendemos que o sexo fazia-os se sentirem vivos. Era o elo com a vida. A partir do momento que perderam a capacidade de se relacionarem sexualmente, sentiram-se definhando. A morte é mostrada no livro de forma que o leitor chega a

pensar, se estiver desatento, em morte natural. "(...) assegurava a vigília ao corpo ali deitado, à espera de uma nova arregimentação que o ressuscitasse no terceiro dia (...) e se ela estiver realmente morta ...", (NOLL, 1989: 100). No entanto, é a morte da esperança, da força sexual, igual a impressão de que o narrador morreu quando aparece no bolso de um morto uma carta de despedida endereçada a Afrodite. Vejamos alguns trechos da carta:

AFRODITE

Hoje quando o sol apareceu (...) adivinhei que eu ia morrer neste mesmo dia; por isso se receberes esta carta talvez eu não mais exista (...) meu coração é muito pequeno para suportar a dor do mundo (...) essa morte é a única forma de preservá-lo vivo, intocável...

(...) O mais extremoso beijo,

EU,

(NOLL, 1989: 260 a 262).

É o próprio narrador quem encontra a carta. Ver-se morto, ou sentir-se morto é um estado da alma. É uma angustiada busca pelo ser, pelo existir. Esta carta de despedida está representando a morte da vontade de viver. Mas o amor ressurge trazendo vida. "(...) eu resisti (...) sobrevivi a minha própria morte, observo minha mão tocando o EU como se ressuscitasse...", (NOLL, 1989: 262).

E corre para a vida, para um sonho de futuro: a casa da tia ao sul, onde há pêssegos, horta orvalhada, pomares, galinha, ovos, filhos... sonho que vê morrer quando Afrodite lhe confessa que a casa da tia foi uma invenção para preencher o vazio da falta de sonhos que eles não tinham. Então seguem pelas ruas da cidade acompanhados "pelos bichos desgarrados, um cão, dois gatos, um passarinho...", (p.266). Sentem-se caminhantes sem rumo sem lar como simples animais: silenciosos, excluídos, solitários. É um estado de vida doloroso:

(...) a gente tá levando essa vida porque tem grana, nunca ninguém dá esmola de graça pra esse bichinho chamado homem ... (...) a gente não é uma palavra, tem corpo, tem matéria, tem tripa, tem fezes, unidos na alma a gente goza pelo corpo. (...) mas acreditamos e como! Na paz, (...) em nós habita a esperança ..., (NOLL, 1989: 273).

Não sabem bem o que esperar, mas têm esperança. Se abraçam e continuam a caminhar com uma única certeza: o amor, mesmo que na miséria enobrece e humaniza,

apesar de o termo “humano” parecer chocar-se ao termo “desumano” presente em várias situações do livro. Como por exemplo, quando o personagem narrador vai com o menino índio até o morro dos traficantes:

(...) a porta do barraco se abria e de lá de dentro veio surgindo uma escopeta trêmula segurada por pedaços comidos de dedos e mãos, (...) um leproso. (...) eu estava num morro da cidade de Deus. (...) O leproso que falava com o menino abriu o pacote e mostrou o pó (...) meteu a nota pela cavidade do nariz sem narinas e aspirou quatro vezes (NOLL, 1989:50).

E a droga foi passada de mão em mão. Era a grande ceia de pó que entrava noite adentro. O menino contava que eles precisavam da droga para amenizar a dor.

Armados “até os dentes” os leprosos (traficantes) tinham encarregado-os de descer para comprar comida. Fica sabendo também que lá em cima do morro “plantam comida”. Fica implícito o tipo de comida. Dá para supor que seja uma plantação de maconha já que é a droga ali, a alimentação mais importante.

O leitor leva um susto com a cena de amor descrita entre dois leprosos: “(...) o sexo era pura lama de sangue ... (...) havia uma massa ensangüentada e ainda latejante entre as pernas...”, (NOLL, 1989: 53).

O autor choca propositalmente o leitor com essa cena. É como jogar “os dejetos”, fazer refletir. Na época em que foi escrito o livro a lepra não era mais uma peste. A droga sim, já era, pois devasta a humanidade independente de sexo, idade ou condição social. Ela aniquila e destrói o ser humano em toda a sua estrutura, física, mental e moral. E os morros das favelas são considerados os “leprosários”, conhecidos como “as bocas-de-fumo”. É a ficção fundindo-se com a realidade exposta cruelmente.

Podemos perceber que *A Fúria do Corpo* é um livro que desperta, que surpreende pela sua imprevisibilidade; que traz em suas páginas situações possíveis e impossíveis de se conceber numa literatura, até o leitor entrar no livro e absorver a leitura desprovido de qualquer pretensão que não a de descobrir o quanto a vida narrada no romance jorra mais profundamente os sentimentos, sejam esses quais forem de

forma ilimitada e inusitada, fazendo o sentido transcender a palavra e penetrar no âmago da alma humana, na intenção de se desvendar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a função existencial da literatura que é a busca do conhecimento, de modo especial a literatura pós-moderna, compreendemos que seu objetivo é despertar o leitor, conduzi-lo à compreensão do mundo com uma visão mais crítica e realista.

Em *A Fúria do Corpo*, João Gilberto Noll, leva o leitor através de uma narrativa desmascarada a percorrer juntamente com seus protagonistas anônimos, a atordoante e cruel realidade dos que estão à margem da sociedade. Despertando no leitor a necessidade de rever seus conceitos sobretudo morais, sociais e políticos, analisando melhor o mundo em que vivemos e o que estamos fazendo para contribuir para sua melhora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o próximo milênio: Lições Americanas*. Ed. Companhia das letras. São Paulo. 1990.

CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. Ed. Perspectiva SA. São Paulo. SP. 2002. P.54 a 79.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 1991.

NOLL, João Gilberto. *A Fúria do Corpo*. Rocco – RJ. 1989.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/ Contexto I*. Ed. Perspectiva SA São Paulo. SP. 1996. Reflexões sobre o Romance Moderno p.75 – 98.

Digestivo Cultural.com. “Da Fúria do Corpo à alma inanimada: J.G.NOLL” – Jardel Dias Cavalcanti ... página 2 de 2 Acesso em: 03 de novembro de 2003.

<http://www.copodemar.com.br/João> Acesso em: 03 de novembro de 2003.